

Folha de S. Paulo

16/5/1984

Surpresa é não ter acontecido antes

MURILO DE CARVALHO

Especial para a "Folha"

A violência dos trabalhadores rurais de Guariba, no centro da região canavieira de São Paulo, não deve surpreender ninguém. As razões são tão claras, tão conhecidas, que essa explosão só é surpreendente por não ter acontecido antes. E o que é mais grave, foi uma manifestação espontânea, sem direção de nenhum sindicato, com a violência crescendo na medida em que a polícia, entrincheirada, atirava a esmo.

Há muitos anos que a situação absurda dos trabalhadores volantes em canaviais, plantações de laranja, cafezais e campos de algodão vem explodindo uma das feridas mais brutais do modelo exportador de nossa agricultura. Arrancados de suas terras, espalhados pelas periferias das pequenas cidades, sem garantia trabalhistas de espécie humana, os milhares de bóias-frias perderam até mesmo sua identidade cultural, pois não fazem parte de nenhuma comunidade estável, já que foram impelidos a viver numa marginalidade mal suportada pelos próprios moradores das cidades para onde se deslocaram. Um agravante: boa parte desses bóias-frias são mulheres, velhos e crianças de 11, 12 anos. Um contingente miserável, que a cada madrugada sobe em caminhões inseguros para cumprir uma jornada de trabalho de 10 horas, ganhando pouco mais de Cr\$ 3 mil por dia, na época gorda da safra. O resto do tempo, seis meses, não têm trabalho ou vivem de biscates.

Intransigência

Foram esses homens, essas mulheres, essas crianças que se revoltaram em Guariba. Às causas imediatas, que primeiro provocaram uma paralisação nas lavouras e mais tarde o quebra-quebra na cidade, poderiam ter sido resolvidas com facilidade há pelo menos dois anos, não fosse a intransigência, de usineiros e a falta de visão social do próprio governo do Estado. Os trabalhadores, já no dissídio coletivo do ano passado, haviam pedido que não adotasse o sistema de corte de cana em sete ruas, mas em cinco, como há anos vinha sendo feito. Segundo eles, o sistema de sete ruas faz com que produzam menos e como recebem por tonelada de cana cortada, seus ganhos seriam menores. Além disso, queriam que no início da safra fosse estabelecido, através de discussões, um preço determinado para seu trabalho, para que não fossem lesados, já que o governo é que estabelece quando vai valer cada tonelada de cana. Pediam coisas singelas, que, se não resolver as questões principais, pelo menos dariam um pouco mais de condições para que se mantivessem vivos e alimentados. Não foram atendidos. Juntou-se a isso o desgosto com os aumentos sucessivos nos preços das taxas de água cobradas pela Sabesp — a água encanada é o único serviço público que chega aos seus barracos — que não podiam pagar e por isso tiveram o fornecimento interrompido.

Mas, de qualquer maneira, se essas foram as causas imediatas da revolta de Guariba, a situação de abandono em que vivem desde que a agricultura brasileira começou a se "modernizar" é, sem dúvida, a razão de fundo. E Guariba deve ser um alerta, já que existem pelo menos 3 milhões de bóias-frias no Centro-Sul do País, vivendo a mesma miséria, o mesmo descaso, o mesmo sofrimento. E sem soluções rápidas, democráticas e eficientes, é de se esperar que outras explosões sangrentas como essa comecem a pipocar por todo o interior. E aí talvez seja tarde demais para qualquer remédio caseiro.

(Página 18)